AYRTON SENNA: A MEMÓRIA DISCURSIVA DA MÚSICA *TEMA DA VITÓRIA*

Neuza Benedita da Silva Zattar
Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat

Ayrton Senna merece a edição especial,
para todos nós guardarmos para sempre[1]

RESUMO: *Este texto analisa um dos processos de constituição da memória histórica de Ayrton Senna através da música Tema da Vitória e do enunciado "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil" que, quando levados ao ar, significam a vitória do piloto brasileiro na corrida da Fórmula 1 naquele momento. O acontecimento de execução dessa música, que retorna sob a forma de pré-construído no acontecimento da primeira vitória de Barrichello em 2000, evoca a imagem de Senna.*

ABSTRACT: *This text analyses one of the processes of constitution of the historical memory of Ayrton Senna through the Theme of Victory and the utterance "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna from Brazil" which, when on television, mean the victory of the Brazilian pilot in the Formula 1 race at that moment. The event of the execution of the music, which returns under the form of a preconstructed in the event of the first victory of Barrichello in 2000, evokes the image of Senna.*

Introdução

O acontecimento da execução da música *Tema da Vitória,* ao final das corridas de Fórmula 1, produzido pela Rede Globo de televisão, quando o piloto brasileiro Ayrton Senna vencia o Grande Prêmio, retorna ao ar após um hiato silencioso de sete anos, com a vitória de Rubens Barrichello no GP da Alemanha, em 30 de julho de 2000. Esse acontecimento funciona como algo já preexistente nos dizeres do esporte brasileiro de automobilismo e evoca a imagem do piloto.

Nesta reflexão, proponho analisar um dos processos de constituição da memória histórica de Ayrton Senna através da música *Tema da Vitória* e do enunciado "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil" que, levados ao ar, significam a vitória do piloto brasileiro na corrida da Fórmula 1.

A música *Tema da Vitória*, de autoria do compositor Eduardo Souto Neto, transformou-se em hino na emissora global, quando um piloto brasileiro, no caso, Senna, vencia o Grande Prêmio da Fórmula 1.

1. A questão da memória

Ao abordar a questão da constituição da memória histórica de Ayrton Senna, considero importante destacar a análise de Courtine (1999) sobre o estatuto da memória no campo do discurso político em "O chapéu de Clémentis". Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político", que toma como objeto o desaparecimento/apagamento, por determinações políticas, da imagem de Clémentis[2] numa foto em que aparece ao lado do dirigente comunista Klement Gottwald.

Tratando-se de processos inversos quanto ao funcionamento dos sentidos, ou seja, sentidos de esquecimento ou apagamento da memória histórica de Clémentis (apagamento de sua imagem na foto oficial) e sentidos de construção ou constituição da memória de Ayrton Senna (presentificação de sua imagem pela música), esses processos mantêm algo em comum, a memória é evocada pelos objetos simbólicos que produzem: "o chapéu de Clémentis" e "a música Tema de Vitória" executada nos acontecimentos de vitória de Ayrton Senna na Fórmula 1.

No processo de apagamento de Clémentis na enunciação do discurso político, Courtine (1999:16) diz que:

> *antes de tudo, esse processo se desenvolve é na ordem do discurso 'das línguas de estado' que dividem em pedaços a lembrança dos eventos históricos, preenchidos na memória coletiva de certos enunciados, dos quais elas organizam a recorrência, enquanto consagram a outros a anulação ou a queda.*

Acompanhando a análise de Courtine, diria que o processo de presentificação da imagem de Ayrton Senna pela música também se desenvolve nos dizeres do esporte da Fórmula 1, cujos recortes das lembranças das vitórias nas corridas automobilísticas são preenchidos na memória coletiva de certos enunciados, dos quais esses dizeres, ao contrário do

que ocorreu com Clémentis, organizam a recorrência da imagem do piloto e não o seu esquecimento.

Segundo Pêcheux (1999:50), a memória "não deve ser entendida no sentido psicologista da "memória individual", mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e de memória construída do historiador". Diz ele que a fragilidade no processo de inscrição do acontecimento no espaço de memória funciona sob uma dupla forma: o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever, e o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse ocorrido.

2. A constituição da memória de Ayrton Senna

Nomeado profissionalmente como *Ayrton Senna*, o piloto inscreve-se nos enunciados dos discursos do automobilismo internacional, a partir de seu ingresso na Fórmula Ford inglesa em 1981, na Fórmula 3 em 1983, onde se tornou campeão, e na Fórmula 1 em 1984 pela equipe Toleman, e um ano depois pela equipe da Lotus, pela qual disputou três temporadas e venceu seus primeiros grandes prêmios. As suas conquistas nas corridas renderam-lhe o apelido de "rei da chuva", pela habilidade para dirigir em pistas molhadas, e "Mr. Mônaco", por suas cinco vitórias consecutivas nesse circuito.

No entanto, a relação do piloto com o hino *Tema da Vitória* deu-se em 1985, quando Senna conquistou a sua primeira vitória na Fórmula 1 no GP da Bélgica. Esse acontecimento foi marcado pela execução da música que, atravessada pelos ruídos onomatopéicos das máquinas da *Williams* ou da *McLaren*, se misturava ao vozeirão inflamado do comentarista esportivo pela Rede Globo, Galvão Bueno, que repetia incessantemente "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil" para dizer ao brasileiro dos quatro cantos do país quem havia vencido o Grande Prêmio naquele dia. Esse enunciado, que podia se repetir de duas em duas semanas, durante o campeonato, caso o piloto vencesse a prova, funcionava como um eco que materializava simbolicamente o acontecimento de vitória.

Mas esse mesmo acontecimento, no entanto, podia ser suspenso quando o piloto, por razões técnicas e/ou motrizes, abandonava a corrida ou não vencia a prova. Com isso, silenciava-se a execução do hino, e as formulações que denunciavam a vitória eram também silenciadas, ou melhor dizendo, não eram ditas, mas significavam que naquela corrida o piloto não lograra êxito.

É interessante observar que a materialidade discursiva do enunciado "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil" não tem o conteúdo, nem a

forma e nem a estrutura das palavras ou expressões geralmente formuladas por torcedores anônimos das diversas modalidades esportivas do país, principalmente do futebol, em que são os nomes dos times "X" e não dos jogadores "Y" que são ovacionados durante os jogos, ou, então, da expressão "X é campeão", ao final dos campeonatos estaduais e nacional.

Diferentemente da relação que os desportistas estabelecem com o nome dos times de futebol, no esporte da Fórmula 1 o enunciado "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil", formulado do lugar do núcleo esportivo da Rede Globo, configura um grito uno, particular e identificável que transcende a tela da TV, movimentando sentidos de exclusividade da emissora na relação que o espectador brasileiro estabelece com ela, na transmissão, ao vivo, desse esporte no Brasil.

Tratando-se de nome próprio de pessoa, observa-se nos funcionamentos morfossintático e semântico-enunciativo do nome *Ayrton Senna da Silva*, dentro e fora do Brasil, dois processos de constituição nominal: um de redução e outro de extensão, que identificam o piloto nos espaços em que se inscreve.

A enunciação que nomeia "Ayrton Senna da Silva" significa a sua origem familiar que o identifica enquanto cidadão que estabelece relações de direitos e deveres com a sociedade e o Estado.

Na construção morfossintática desse nome, são os sobrenomes "Senna" e "da Silva", sendo este último marcado por uma preposição e um artigo, que determinam o nome "Ayrton", particularizando-o entre o universo dos "da Silva" do Brasil.

Como veremos a seguir, o processo enunciativo da nomeação jurídica (a primeira) sofre modificações no percurso da vida social do piloto à medida que ela (a nomeação) é enunciada de diferentes posições de sujeito, seja no Brasil ou no exterior, afetada pelas relações de trabalho, de brasilidade e de audiência televisiva.

Convém observar que na inscrição do piloto na Fórmula 1 ocorre um processo de redução/alteração no seu nome. A nomeação "Ayrton Senna da Silva", que significa a relação contratual com a *McLaren* ou a *Williams*, dá lugar a "Ayrton Senna", um nome profissional, cuja composição (nome e um dos sobrenomes) tem uma determinação social que é própria dos nomes de outros pilotos que se inscrevem nos enunciados da Fórmula 1, como *Alain Prost*, *Nelson Piquet*, *Nigel Mansell*, entre outros. O ato de re-nomear "Ayrton Senna", enquanto resultado de uma alteração, se constrói afetado por uma história de enunciações que se dá fora do Brasil e que é própria do discurso da Fórmula 1.

Na construção dessa nomeação, é o nome "Senna" que determina e particulariza "Ayrton" na Fórmula 1. Como podemos ver, a alteração

nominal opera internamente a mudança do seu determinante, estabilizando um sentido pelo apagamento de outros possíveis.

Ao contrário da nomeação "Ayrton Senna", a formulação "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil" se constrói afetada por uma história de enunciações que se dá dentro do Brasil, especificamente no núcleo esportivo da Rede Globo, operando a extensão do nome do piloto pelo processo de repetição e do acréscimo da expressão "do Brasil".

Nessa formulação mantém-se o sobrenome "Senna", já estabilizado nos dizeres dos circuitos internacionais, e a expressão que determina o nome do piloto é "do Brasil", estabelecendo uma relação histórica do piloto com o lugar de sua origem.

Observa-se que as nomeações "Ayrton Senna da Silva", "Ayrton Senna" e "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil", dadas a partir de um certo lugar (pai biológico, Fórmulas Ford, 1 e 3, Rede Globo), mudam à medida que o lugar do dizer no acontecimento também muda.

Os determinantes "da Silva", "Senna" e "do Brasil" operam mudança de sentidos e passam a significar a origem familiar, a profissão e a nacionalidade do piloto nos espaços em que foram formulados.

Para Guimarães (2002), o nome próprio de pessoa representa socialmente uma construção em que as relações semânticas de determinação são constitutivas do nome.

As análises acima desenvolvidas me permitem dizer que os sentidos aí instalados não ocultam a filiação ou a paternidade de Ayrton pelo apagamento do sobrenome "Silva", ao contrário, tenta-se desvincular do piloto um sobrenome demasiadamente popular no Brasil que, por tabela, não combina com o tom europeu instalado na Fórmula 1. Daí a estabilidade do nome Senna, cuja grafia se distingue dos demais nomes de origem brasileira.

No entanto, se deslocarmos o enunciado formulado do lugar da emissora da Globo para *Ayrton Senna do Brasil,* o sentido de brasilidade permanece, mas o eco da vitória se reduz, e diria que essa nomeação ligada à expressão "do Brasil" funciona também como um ícone, produzindo sentidos de brasilidade afetados pelo gesto do piloto que comemorava as vitórias, ainda na pista, acenando com a bandeira do Brasil.

Ainda sobre o enunciado "Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil", aparentemente, a repetição do nome funciona como uma reescritura enunciativa usada pelo locutor para reforçar/dimensionar o nome do piloto, e, discursivamente, a repetição funciona como uma sobreposição de sentidos em movimento, cujas camadas vão sendo reinterpretadas à medida que a formulação dos nomes é enunciada no acontecimento da vitória.

Nessa relação, o fenômeno da repetição se dá pela presença do mesmo, ou seja, torna a dizer o mesmo continuamente, e funciona não só para exprimir os efeitos de sentido provocados pela emoção da vitória, mas também para que esses sentidos possam transpor as telas de TV e afetar, principalmente, aqueles que constituem a balança da audiência das corridas de Fórmula 1: os telespectadores.

Oito anos (1994-2002) se passaram após o desaparecimento trágico do piloto, mas a música *Tema da Vitória* não passou, ou melhor, a música não apagou da memória esportiva o seu desaparecimento e funciona construindo referentes para Ayrton Senna, como:

Ayrton Senna é do Brasil.
Ayrton Senna é tri-campeão da Fórmula 1.

3. A música *Tema da Vitória*

Tomarei para análise os efeitos de sentido produzidos pela execução da música *Tema da Vitória*, buscando compreender a circulação desse objeto simbólico após o desaparecimento do piloto.

Essa música foi executada pela última vez em 1993, quando Senna ganhou o GP da Austrália, e, depois, durante as Olimpíadas de Atlanta, nos Estados Unidos, quando a seleção brasileira de algumas das modalidades esportivas se sagrara vencedora ou campeã. E embora na gravação não haja preponderância da música sobre o ruído das máquinas ou vice-versa, a musicalidade de ambas é simultânea e, ao ser executada, evoca uma tríade de imagens: piloto, máquina, vitória.

Para analisar como se dá a temporalidade nos acontecimentos de vitória do piloto Ayrton Senna e como eles significam na sua relação com a música *Tema da Vitória*, apresento o conceito de *temporalidade* que Guimarães (2002) formulou ao redefinir o campo da enunciação.

> *Por um lado a temporalidade se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem e sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência do futuro) nada há de projeção, de interpretável.*
> *Por outro, este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro que, no acontecimento projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável (Idem, 12).*

O acontecimento enunciativo "Senna ganhou o primeiro GP da Fórmula 1 em 1985" significa a primeira vitória do piloto comemorado pela música *Tema da Vitória* que, adotada pelo núcleo esportivo da Rede Globo para celebrar a vitória de pilotos(s) brasileiro(s), reaparece no cenário automobilístico, naquele momento com Senna. Projetada para essa finalidade, a sua execução, anterior a esse acontecimento, retorna ao ar estabelecendo um lugar interpretativo de fundação.

A temporalidade nesse acontecimento abre em si novos espaços de significação: a primeira vitória de Senna rememora a música *Tema da Vitória* e projeta uma futuridade quanto às possíveis vitórias do piloto na Fórmula 1 e, por conseguinte, o aparecimento da música. Essa nova temporalização, segundo Guimarães (2002:12), constitui um "novo espaço de conviviabilidade de tempos", em que se dá a relação entre o piloto, quando vitorioso, e a execução da música-hino, "sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem" (*idem*).

Em "14:05:00 O hospital anuncia oficialmente a morte clínica de Senna"[3], a temporalidade funda uma nova memória (a Fórmula 1 sem Senna) e, embora ela se configure por um presente, parece estar projetando a futuridade da música, ou seja, a suspensão temporária de sua execução, abrindo espaços para a formulação de novos enunciados nos dizeres esportivo-automobilísticos:

1. *Quem vai substituir Senna?*
2. *O hino Tema da Vitória também será substituído?*

Mas, contrariando esses caminhos de interpretação que se abrem, a música (e não o nome dela) se mantém, produzindo sentidos que evocam a imagem de Ayrton Senna, nos acontecimentos de vitória de Barrichello na Fórmula 1.

Se a memória é evocada pelos objetos simbólicos que produz, diria que a presentificação da imagem de Senna também é produzida pelo fato de que, embora outros pilotos brasileiros tenham se destacado na Fórmula 1 (Fittipaldi, Piquet), foi ele quem caiu nas graças do brasileiro carente de heróis e de ídolos nacionais com projeção internacional, ao disputar, durante dez anos de Fórmula 1, 161 (cento e sessenta e uma) corridas, vencer 41 (quarenta e uma) e conquistar 62 (sessenta e duas) *pole positions*.

Na matéria publicada pela revista *Veja* em 11/05/94, logo após o desaparecimento do piloto, me chamou a atenção não a definição dada a *ídolo*, mas, principalmente, o lugar que se dá à memória: "Ídolo é um sucesso individual que se transforma num produto de consumo. É amado, imitado e apontado como exemplo às crianças. Mas pertence ao presente, enquanto o lugar do herói é a História" (*op.cit.*, p.44).

Conclusão

No caso específico do processo de evocação da imagem de Ayrton Senna pela música *Tema da Vitória*, pode-se dizer que a memória se constitui, (re)constituindo e movimentando sentidos a partir de um conjunto de enunciados formuláveis apenas pelos dizeres do esporte da Fórmula 1:

Ayrton Senna é o último tri-campeão brasileiro da Fórmula 1.
Ayrton Senna é o ídolo da Fórmula 1.
A Fórmula 1 sem Ayrton Senna não será a mesma.

Essas formulações que resultam do retorno de um imaginário existente e que buscam construir a memória histórica do piloto, levam-me a perguntar: de que modo os acontecimentos esportivos que dizem respeito às corridas de Fórmula 1 e a Ayrton Senna se inscrevem ou não no espaço de memória?

Retomando as palavras de Pêcheux, diria que o processo de inscrição do acontecimento no espaço de memória torna-se suscetível de interpretação ou não a partir dos sentidos produzidos pelo interdiscurso no acontecimento. E nessas relações, não significa que os sentidos inscritos na interdiscursividade do acontecimento esportivo se estabilizem e os que foram apagados não produzam sentidos e não sejam modificados.

Como a questão é eminentemente discursiva, não há como tratar a memória como algo que se grava ou se memoriza de um acontecimento pelo que ele produz de importante e de inapagável ou pelo efeito contrário, de algo que se pretende esquecer ou apagar da memória. Pensar desta forma, seria atribuir ao sujeito psicológico e não à memória a função de absorver ou não o acontecimento no qual o sujeito se inscreve.

Pêcheux (1999: 56), ao final do capítulo "Papel da Memória", conclui que

a memória é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularizações... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Nessa perspectiva, os acontecimentos enunciativos que dizem respeito à vitória na corrida de Fórmula 1 em 1985 e nos campeonatos ocorridos em 1988, 1990 e 1991 passam a estabelecer as primeiras relações do piloto com o torcedor brasileiro e vão instituir, a partir desses espaços temporais, a figura de Ayrton Senna como o piloto que venceu a primeira corrida e ganhou os títulos de campeão, bi-campeão e tri-campeão, associados à música *Tema da Vitória*. Esses acontecimentos, ao

se desdobrarem dentro do espaço de memória atualizado pela materialidade simbólica do adeus do piloto – "14:05:00 O hospital anuncia oficialmente a morte clínica de Senna"[4] – se inscrevem nos processos discursivos evocados pelo acontecimento da vitória de Barrichello, que produziu o reaparecimento da música *Tema da Vitória.*

Em resumo, pode-se dizer que não há acontecimento, no sentido que lhe dá Pêcheux (1997), sem a relação entre uma realidade estruturada, uma atualidade e uma memória, ou melhor dizendo, a "vitória de piloto brasileiro na Fórmula 1, no caso, Barrichello, constitui um acontecimento enunciativo que, perpassado pela execução da música "Tema da Vitória", evoca a imagem de Ayrton Senna.

Notas

1. Carta do leitor Cleodemir Silva, Andirá:PR, Seção *Carta ao leitor* in *Veja* de 11/05/94.
2. Conforme anedota contada por Milan Kundera em *O livro do riso e do esquecimento*, segundo Jean-Jacques Courtine (1999:15), trata-se de um dos camaradas fotografados ao lado do dirigente comunista, Klement Gottwald, durante um discurso para uma multidão na praça de Praga.
3. In: Revista *Veja*, 14/05/94.
4. In: Revista *Veja*, 14/05/94.

Referências Bibliográficas

COURTINE, J.J. (1999) "O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político". In: INDURSKY, F. e FERREIRA, M.C.L. (Orgs.) *Os múltiplos territórios da Análise de Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato.

GUIMARÃES, E. (1999). "Textualidade e enunciação". In: *Escritos Ver e Dizer*. Nº 2. Campinas: Laboratório de Estudos Urbanos – Nudecri.

_____. (2002) *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes.

ORLANDI, E. P. (1993). "Vão surgindo os sentidos". In: *Discurso Fundador*. ORLANDI, E.P. (org.). Campinas: Pontes.

_____. (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

PÊCHEUX, M. (1999). "Papel da Memória". In: ACHARD, P. et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes.

_____. (1997). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.

Palavras-chave – memória, acontecimento, televisão, Formula 1
Key-words – memory, event, television, Formula 1